

A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO COMPORTAMENTO HUMANO EM MAURICE MERLEAU-PONTY

THE PHENOMENOLOGY OF PERCEPTION AND ITS CONTRIBUTION TO THE FORMATION OF HUMAN BEHAVIOR IN MAURICE MERLEAU-PONTY

Helena Mendes da Silva Lima¹
Andrey Porto Alencar²

RESUMO

O presente artigo objetivou investigar a respeito da fenomenologia da percepção em Merleau-Ponty. Nesse sentido, busca compreender como o mundo pode ser chave de conhecimento para o indivíduo, uma vez que é através da apreensão dos objetos a sua volta que ele adquire a capacidade de refletir sobre os mesmos, o que influencia assim em seu comportamento. A pesquisa se inicia com o contexto histórico, vida e pensamento de Merleau-Ponty, citando também algumas de suas principais obras. Em seguida tratará de maneira breve a respeito dos pensadores que influenciaram o pensamento filosófico do autor, com destaque para a fenomenologia de Edmund Husserl, que exerceu grande influência sobre o francês e serviu de base para algumas de suas ideias. Depois o trabalho aborda o tema da sensação, trazendo a questão da realidade sensível e sua importância para o indivíduo, mostrando ainda o valor dos sentidos no processo fenomenológico. Por fim, apresenta o grande diferencial da fenomenologia da percepção, que é quando o filósofo francês demonstra o papel e a importância que o corpo possui neste mesmo processo, para assim colocar em destaque a relação do indivíduo com o mundo e com o outro.

Palavras-chave: Fenomenologia; Percepção; Comportamento.

ABSTRACT

This article aimed to investigate about the phenomenology of perception in Merleau-Ponty. In this sense, it seeks to understand how the world can be a key to knowledge for the individual, since it is through apprehending the objects around him that he acquires the ability to reflect on them, which thus influences his behavior. The research begins with the historical context, life and thought of Merleau-Ponty, also citing some of his main works. It will then briefly discuss the thinkers who influenced the author's philosophical thinking, with emphasis on Edmund Husserl's phenomenology, which had a great influence on the Frenchman and served as the basis for some of his ideas. Afterwards, the work addresses the theme of sensation, bringing the issue of sensible reality and its importance to the individual, also showing the value of the senses in the

¹ Mestre em Sociologia pela PUC - SP, Professora no Instituto de Ensino Superior Mater Dei e rede Estadual de Ensino, especialista em Psicopedagogia.

² Filósofo, graduando em Teologia pelo Instituto de Ensino Superior *Mater Dei*.

phenomenological process. Finally, it presents the great differential of the phenomenology of perception, which is when the French philosopher demonstrates the role and importance that the body has in this same process, in order to highlight the individual's relationship with the world and with the other.

Keywords: Phenomenology; Perception; Behavior.

1 INTRODUÇÃO

O intuito deste artigo foi estudar o fenômeno da percepção dentro da ótica de um dos principais autores da fenomenologia, Maurice Merleau-Ponty. O presente trabalho visa ainda compreender como o mundo pode ser chave de conhecimento, uma vez que é através da apreensão e observação dos objetos existentes que o homem passa a tomar consciência de seu papel em sociedade. É necessário com isso voltar e reaprender a observar o mundo, tendo em vista as coisas que ele pode oferecer.

Dessa forma, é necessário estabelecer o que existe dentro da própria consciência, e o que existe fora dela, ou seja, tudo aquilo que o homem pode apreender para os seus sentidos, caracterizando assim o próprio fenômeno perceptivo. O autor exemplifica isso ao tratar dos objetos, ou as coisas que cercam o indivíduo, e que existem no mundo, conseqüentemente surgindo em seu campo de visão, levando em consideração a experiência de mundo, uma vez que essa análise também já havia sido feita pelo pioneiro da fenomenologia, Edmund Husserl. “O conhecimento natural começa pela experiência e permanece na experiência.” (HUSSERL, 2006, p. 33). Desse modo, é no primeiro contato do indivíduo com o mundo que se torna possível conhecer o objeto, fazendo uma experiência que é coroada na consciência e no ato de reflexão do homem.

É através da sensação que essa experiência se torna ainda mais clara, pois ela entra em um campo no qual está o tempo inteiro sendo interpretada. “A sensação pura será a experiência de um ‘choque’ indiferenciado, instantâneo e pontual.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 23). E essa mesma sensação provoca no corpo do indivíduo as mais variadas reações, que se manifestam em seu comportamento, e seu modo de agir no mundo através dos gestos, atos e escolhas.

Na fenomenologia da percepção, o mundo é um campo de conhecimentos e experiências inesgotáveis que tem muito a oferecer ao indivíduo. É ele que serve de base para os pensamentos humanos, onde está contida a melhor maneira de se perceber algo de forma explícita. É desse modo que se tem também uma noção do que se reconhece como verdade, já que ela não está contida apenas no interior da pessoa humana, mas em um indivíduo que vive no mundo, e que de forma eficiente pertence a ele. “Estamos presos ao mundo e não chegamos a nos destacar dele para passar à consciência do mundo.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 26). Mas o mundo por si mesmo já traz um apanhado de experiências sujeitas ao juízo humano e que são vistas como naturais.

O mundo traz a ideia do fenômeno à medida que o sujeito se abre à experiência de conhecer, pois todas as coisas já existem, mas uma vez descobertas precisam ser reveladas. E assim, surge a importância da consciência na lógica fenomenológica, pois a mesma não é vazia, a consciência é sempre consciência de alguma coisa, uma vez que não se pode haver consciência no nada.

Desse modo, a consciência do homem tem muito a oferecer no campo do conhecimento, e de sua estruturação como indivíduo que pensa e age moldado por circunstâncias que a todo momento são trazidas a ele, sendo interpretadas de maneira subjetiva. É uma consciência flexível, mutável e constante, ela se adapta ao momento e à situação, é uma tomada de consciência verdadeiramente pautado nos objetos existentes no mundo. O indivíduo por meio dessa experiência, toma então consciência de algo, seja bom ou ruim, ela é fator determinante na formação do pensamento e do agir humano dentro de seu processo de formação.

O problema que instigou esta pesquisa foi a busca de compreender a importância de se tratar o fenômeno da percepção partindo do princípio de que o mundo é algo que precisa ser desvelado, que tem muito a oferecer no campo do conhecimento. Dessa forma, usar a percepção como ferramenta de investigação, uma vez que é na mente onde ocorre todo o processo do conhecimento, e desse modo, é ela própria que contribui para a formação da pessoa no mundo. Demonstrar também que esse processo acontece de maneira subjetiva, pois cada pessoa lida de maneira pessoal com as experiências vivenciadas em sociedade. Portanto, indaga-se de que

forma o fenômeno perceptivo promove a consciência de si e afeta o comportamento humano? O que vem a ser então a consciência de si?

Para que se apreendesse o objeto de estudo, a metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica sobre a fenomenologia de Merleau-Ponty. Assim, foram feitas pesquisas bibliográficas em obras específicas de Merleau-Ponty, mas tendo como referência uma de suas obras mais significativas no campo fenomenológico, que é o livro “A fenomenologia da percepção”. Realizou-se também um estudo de outros autores que trabalham o tema, e para tal, foi utilizado o acervo da biblioteca do Centro de Estudos Superiores *Mater Dei*, bem como estudos em artigos científicos, tendo como finalidade analisar a contribuição do fenômeno perceptivo, e sua influência na formação humana.

2 CONTEXTO HISTÓRICO, VIDA, PRINCIPAIS OBRAS E PENSAMENTO DE MAURICE MERLEAU-PONTY

O século XX foi um período marcado por grandes acontecimentos na história da humanidade, além de estar dentro do contexto da novidade que a Idade Contemporânea trazia, ele ainda foi palco das duas grandes principais guerras mundiais. Foi nesse período que surgiu também um dos grandes nomes da filosofia numa vertente do existencialismo³, Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), reconhecido filósofo francês nascido no início desse mesmo século. Nasceu em Rochefort Sur Me no sudoeste da França, e teve como base em suas teorias importantes pensamentos a respeito da fenomenologia, um campo da filosofia que está ligado a tudo aquilo que se revela diante da consciência do ser humano, em especial quando se trata da percepção, elemento esse que foi adicionado à fenomenologia através dos estudos deste filósofo que a utiliza para dar ênfase à análise do fenômeno, mas que não se reduz somente a essa mesma percepção. Por essa razão, a sua filosofia é repleta de conceitos e significações, e trouxe grandes contribuições para o campo

³ Existencialismo (fr. *Existentialisme*) Filosofia contemporânea segundo a qual, no homem, a existência, que se identifica com sua liberdade, precede a essência; por isso, desde nosso nascimento, somos lançados e abandonados no mundo, sem apoio e sem referência a valores; somos nós que devemos criar nossos valores através de nossa própria liberdade e sob nossa própria responsabilidade. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 95).

fenomenológico que contempla a visão do indivíduo, conservando assim a sua subjetividade, conforme Chauí (1984, p. 9).

Em suas linhas gerais, a filosofia de Merleau-Ponty caracteriza-se pela crítica radical do humanismo⁴. Este tem origem no momento em que o pensamento reflexivo, colocado diante dos enigmas do realismo ingênuo presente na sensação e na percepção, procura resolver os paradoxos perceptivos recorrendo à separação entre a consciência e o mundo, e reduzindo o real à dicotomia sujeito-objeto.

Pode-se dizer que diferente de outros filósofos, Merleau-Ponty nunca havia escrito poemas ou peças, mas participava grandemente da história cultural do seu país, seguindo assim na vida acadêmica (MATTHEWS, 2006). Desse modo, é difícil não perceber o papel que esse filósofo exerce dentro do pensamento e que leva a refletir sobre as questões da mente e da própria consciência, tanto que o seu legado impulsionou até mesmo a área da psicologia. Nessa perspectiva, se leva em consideração que a novidade do pensamento de Merleau-Ponty está centrada mesmo na percepção⁵, e isso explica por que o filósofo dedicou parte da sua vida em estudar essas bases empiristas. De acordo com Matthews (2006, p. 10):

Depois de se graduar na ENS – École Normale Supérieure, Merleau-Ponty lecionou filosofia por alguns anos em Liceus (Escolas Secundárias), fez uma pesquisa de um ano sobre percepção e, em 1935, assumiu o posto de professor assistente na ENS, que exerceu até o início da segunda guerra mundial.

Em meio a um período repleto de obrigações e responsabilidades, o filósofo aprofundou seus estudos, terminando posteriormente sua tese de doutorado, que veio a ser em seguida a sua primeira obra, intitulada em inglês de *The Structure of Behaviour*, traduzida em português como “A estrutura do comportamento” e que segundo Matthews (2006, p. 10) “tratava-se de uma tese filosófica sobre a natureza essencial da experiência humana.”

Merleau-Ponty estava cada vez mais disposto a rebater o comunismo soviético, mas isso acabou gerando um desentendimento entre ele e outro grande

⁴ Humanismo (do lat. *Humanitas*) Movimento intelectual que surgiu no Renascimento. Lutando contra a esclerose da filosofia escolástica e aproveitando-se de um melhor conhecimento da civilização greco-latina, os *humanistas* (Erasmus, Tomás Morus etc.) se esforçaram por mostrar a dignidade do espírito humano e inauguraram um movimento de confiança na razão e no espírito crítico. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 132).

⁵ Percepção (lat. *Perceptio*) Ato de perceber, ação de formar mentalmente representações sobre objetos externos a partir de dados sensoriais. A sensação seria assim a matéria da percepção. Para os empiristas, a percepção é a fonte de todo o conhecimento. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 210).

filósofo contemporâneo, Jean-Paul Sartre⁶ (1905-1980), que apesar de muito amigos aquela época, dividindo inclusive a fundação de um periódico intitulado de Tempos Modernos, tiveram grandes divergências no que se tratava a esse mesmo comunismo.

Na concepção de Sartre, era importante que se conservasse um apoio à União Soviética, isto em defesa da classe operária francesa. Foi aí que houve uma ruptura nas relações entre esses dois pensadores. Em relação a isso, Matthews (2006, p. 12) diz que “Merleau-Ponty renunciou à função de editor de *Les Temps Modernes* e daí em diante teve pouca participação ativa na política, embora mantivesse uma posição essencialmente esquerdista.” Ou seja, essa concepção é uma abordagem complexa e comprometida com a busca de um mundo mais justo. Sartre enxergava o potencial emancipatório da URSS, mas também estava ciente das suas falhas. Sua visão refletia o compromisso com a liberdade, a justiça social e crítica constantes.

2.1 Pensadores que influenciaram a filosofia de Merleau-Ponty

São muitas as referências que serviram como base para a filosofia de Merleau-Ponty, partindo de Hegel⁷ e sua ideia de querer discorrer sobre o aspecto intelectual do indivíduo, chegando até a psicologia da Gestalt no estudo aprofundado das sensações. Mas o filósofo também recebeu contribuições de pensadores mais contemporâneos também da França, como é o caso de Henri Bergson, grande filósofo e diplomata e Gabriel Marcel, filósofo, dramaturgo e compositor, e totalmente ligado à tradição fenomenológico-existencial. Por outro lado, Merleau-Ponty também recebeu influências de pensadores do Ocidente, como é o caso de Descartes, filósofo, físico e matemático, bem como de Kant, um dos principais filósofos da era moderna.

Contudo é quase impossível pensar a filosofia de Merleau-Ponty sem citar a mais importante influência que serviu de base para a sua fenomenologia. Edmund

⁶ Sartre, Jean-Paul (1905-1980) Principal representante do chamado existencialismo francês, Sartre foi um dos pensadores mais famosos deste século, destacando-se não só como filósofo, mas como romancista, autor de peças teatrais de grande sucesso e militante político. Nasceu em Paris, onde estudou na Escola Normal Superior. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 241).

⁷ Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1770-1831) O mais importante filósofo *do idealismo alemão pós-Kantiano* e um dos que mais influenciou o pensamento de sua época e o desenvolvimento posterior da filosofia, Hegel nasceu em Stuttgart, na Alemanha, estudou filosofia Universidade de Tübingen e foi professor nas Universidades de Jena (1801-1806), Heidelberg (1816-1818) e Berlim (1818-1831), chegando a ser reitor desta última (1829). (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 122).

Husserl⁸, filósofo e matemático alemão que juntamente com sua fenomenologia, serviu como base para a construção da filosofia perceptiva de Merleau-Ponty, que teve contato profundo com o pensamento deste autor da fenomenologia, que contribuiu em muito para sua própria compreensão do fenômeno.

Edmund Husserl, em sua apresentação inicial sobre as ideias da fenomenologia, já apresentava o mundo como elemento essencial e chave das respostas que se relacionam com a formação do próprio indivíduo. “Na orientação teórica que chamamos ‘*natural*’, o horizonte total de investigações possíveis é, pois, designado com *uma só* palavra: o *mundo*.” (HUSSERL, 2006, p. 33).

A ideia que explica a influência que Husserl exerce sobre a fenomenologia de Merleau-Ponty, é de que ele possivelmente tenha assistido uma de suas palestras, quando o filósofo esteve de passagem pela França no ano de 1929. Outra ideia sobre o fascínio de Merleau-Ponty a respeito da fenomenologia de Husserl, pode estar no fato de que ele tenha se interessado pelo pensamento posterior do alemão nos últimos anos da década de 30, especificamente no que se trata de um artigo lançado em 1939 que trazia um novo horizonte sobre as ideias de Edmund Husserl, e era de grande importância pois se tratava daquilo que ele havia escrito no fim de sua vida. “Quando leu esse artigo, Merleau-Ponty ficou tão impressionado que tratou imediatamente de providenciar uma visita ao então recém criado Arquivo Husserl da Universidade de Louvain (Leuven), na Bélgica.” (MATTHEWS, 2006, p. 13). No que diz respeito a esses arquivos, a iniciativa de resguardar esses mesmos escritos de Husserl contra a ameaça nazista, haviam partido do Padre Herman Van Breda, um sacerdote franciscano e filósofo nascido em Louvain na Bélgica. Os escritos narravam claramente a Alemanha nazista da época, além de trazer à tona a perseguição nazista que Husserl, a exemplo de muitos judeus sofria naqueles anos.

Merleau-Ponty se dedicou a estudar incansavelmente os escritos de Husserl que o Padre Van Breda havia conseguido, levando em conta que muitos nem haviam sido disponibilizados ao público. Esse período se destaca profundamente na vida do

⁸ Husserl, Edmund (1859-1938) Criador da fenomenologia, Husserl nasceu em Prosznitz, na Morávia (atual República Tcheca), tendo estudado matemática e filosofia nas Universidades de Leipzig, Berlim e Viena, onde sofreu a influência de Brentano. Foi professor nas Universidades de Halle (1887), Göttingen (1906) e Freiburg (1938). (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 132).

pensador, pois a partir daí, Merleau-Ponty começa a mergulhar profundamente na fenomenologia.

2.2 A fenomenologia de Husserl como referência das ideias de Merleau-Ponty

É inegável que a principal contribuição de Husserl para a filosofia de um modo geral, é ele ter trazido suas concepções originais para o movimento fenomenológico. Esse movimento trouxe um aperfeiçoamento para o campo intelectual do ocidente, em meio às contribuições já existentes de muitos outros filósofos, a exemplo pode-se citar Kant⁹ e Descartes¹⁰. Em se tratando do legado que a fenomenologia de Edmund Husserl deixou para a filosofia de um modo geral, destaca-se a questão da subjetividade humana, uma vez que o indivíduo pertence ao mundo, ele está consciente de tudo aquilo que existe a sua volta, e esta mesma consciência do indivíduo é o que o ajuda a formular conceitos de determinados objetos, a experiência vai formando o homem, uma vez que ele consegue refletir constantemente sobre determinado objeto ao pensá-lo novamente, ou seja, há aqui uma originalidade da mente que apenas a vivência do mundo pode oferecer ao indivíduo, que acaba sendo capaz de transformar cada conceito de forma subjetiva, a partir de suas próprias experiências.

O que de fato impulsiona o homem rumo à descoberta e aprofundamento do fenômeno é a sua própria percepção, elemento da consciência humana que Merleau-Ponty tanto valoriza e que já era descrita anteriormente nas obras do filósofo alemão Husserl (2006, p. 223)

A unidade de uma percepção pode, deste modo, abranger uma grande quantidade de modificações, que nós, enquanto observadores em orientação natural, ora atribuímos ao objeto real, como *modificações* dele, ora a uma

⁹ Kant, Immanuel (1724-1804) Um dos filósofos que mais profundamente influenciou a formação da filosofia contemporânea, Kant nasceu em Königsberg, na Prússia Oriental (Alemanha), atualmente Kaliningrado na Rússia, onde passou toda a sua vida, tendo chegado a reitor da Universidade de Königsberg, onde foi estudante e professor. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 153).

¹⁰ Descartes, René (1596-1650) René Descartes nasceu na França, de família nobre. Aos oito anos, órfão de mãe, é enviado para o colégio dos jesuítas de La Flèche, onde se revela um aluno brilhante. Termina o secundário em 1612, contente com seus mestres, mas descontente consigo mesmo, pois não havia descoberto a Verdade que tanto procurava nos livros. Decide procurá-la no mundo. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 66).

relação real e efetiva para com nossa subjetividade psicofísica real, ora, por fim, a esta mesma.

A partir desse ponto de partida é que se identifica o valor da percepção dentro da formação humana, pois ela não é um elemento novo que tenha sido observada a partir daquilo que Merleau-Ponty destacava, mas é algo que pertence ao indivíduo, que o acompanha à medida em que este vai descobrindo a sua importância na vida ou a sua responsabilidade como cidadão do mundo, e que Husserl colocou em destaque para que a questão da subjetividade fosse mais bem exemplificada.

O pensamento do homem é desse modo, aquilo que melhor exprime a sua essência em meio às experiências da vida, assim como o mundo, que só pode ser pensado a partir de sua própria perspectiva, assim como dizia Descartes quando se referia à existência do indivíduo, dando um lugar de destaque a ele no que diz respeito ao conceito deste mesmo mundo e ao seu famoso *cogito*¹¹ cartesiano: “Penso, logo existo”.

Dessa forma, o pensar humano deve vir antes de qualquer julgamento da mente, tudo aquilo que o indivíduo percebe a partir de sua experiência, cedo ou tarde terá o seu retorno, basta que se reflita sobre determinado objeto, e o mundo é um espaço de grande importância, por fazer proporcionar que fenômenos como esse possam vir a acontecer e se repetir.

Em Husserl, a fenomenologia abre diversos parênteses ao se tratar daquilo que ela mesma é capaz de formar, e que é chamado de conceito. Tidos como a essência do homem, mais especificamente quando este é capaz de fazer as devidas associações, os conceitos são ferramentas do pensar, o que conseqüentemente afeta o agir do indivíduo, sua capacidade de viver no mundo, e entre seus semelhantes, e desse modo, é papel da fenomenologia explicar esses mesmos conceitos.

Inúmeras vezes o indivíduo pode se sentir tentado a achar que aquilo que é pensado por ele não possui importância, talvez por deduzir que fosse apenas uma manifestação da sua imaginação, e não ter nenhuma comprovação científica. Contudo para a fenomenologia, essa atitude da mente significa muita coisa, e é tida dentro dessa linha como uma “atitude natural”, pois assim como o próprio nome já diz,

¹¹ *Cogito* (do lat. *Cogitare*: cogitar, pensar; *cogito*: penso) Para Descartes, o *cogito ergo sum* (“penso logo existo”) é o primeiro princípio da filosofia, inaugurando uma revolução que consiste em partir da presença do pensamento e não da presença do mundo. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 46).

acontece de maneira natural e como certa a existência objetiva das coisas de que temos consciência e procuramos saber mais sobre elas.

Edmund Husserl valorizava a subjetividade do homem em todos os seus aspectos, e fazia isso com toda a sua convicção. Para ele seria mais útil que essa subjetividade fosse levada em consideração na formação do conhecimento, só assim se poderia analisar corretamente a aparição das coisas no mundo, e não correr o risco de cair no erro. Dessa forma, ocorre em Edmund Husserl uma valorização dos conceitos que só a mente humana é capaz de produzir, e que na concepção dele devem ser retomadas à medida em que o sujeito pretende conhecer mais sobre determinado objeto, formando assim um novo conceito sobre o mesmo.

Sobre esse processo de retorno que Husserl tanto valoriza, ocorria também um grande mal-entendido que tanto o filósofo alemão, como Merleau-Ponty muito lutaram para combater, que eram as constantes comparações com a psicologia. Talvez por ambas valorizarem o indivíduo em toda sua capacidade de pensar, de voltar sempre naquilo que se pensava antes, para assim compreender mais sobre si próprio. Mas a fenomenologia não possui a intenção de separar a subjetividade humana daquilo que o próprio mundo significava, pelo contrário, ela une esses dois elementos, de modo que cada um têm a sua importância, e não podem ser considerados de maneira separada e independente, conforme Husserl (2006, p. 355)

Diferentemente da psicologia pura, a ciência da subjetividade transcendental (a fenomenologia transcendental) que assenta sobre a experiência de si transcendental não tem, como solo prévio, o mundo empírico enquanto solo dado de antemão, portanto, tampouco tem seres humanos e animais em validade empírica e como temas científicos; e, no entanto, ela tem consciência pura, embora não mais componente abstrato, mas como absolutamente existente

Ainda se tratando dessa mesma intencionalidade, é curioso que em Husserl, os objetos imaginados e retomados pela mente do homem não precisam ter a obrigação de existir, pode se pensar tanto em coisas concretas como, uma mesa, cadeira, lápis, como também se pode pensar em objetos que só existem mesmo na imaginação do indivíduo, sejam monstros, ou personagens de histórias infantis, mas que também fazem parte do imaginário humano. Desse modo a fenomenologia não tem a obrigação de explicar determinado objeto tal e qual ele deve ser de verdade, ela sim pode ser capaz de pensar tal objeto, seja da maneira que for, de acordo com o que a mente traz sobre ele próprio.

Assim fica mais acessível atingir a ideia que Husserl queria que fosse de fato considerada sobre essa ciência, sem muitas complicações, mas apenas valorizando as experiências que o indivíduo através de suas próprias sensações poderia assimilar a respeito do objeto para o qual ele se volta. Sendo assim, a fenomenologia está completamente pautada na valorização da consciência humana e naquilo em que o sujeito acredita.

Importa para a fenomenologia de Husserl, tudo aquilo que a consciência humana possa alcançar, sejam coisas próprias da mente, sejam os objetos que estão fora dela e que são peças de uma futura experiência do indivíduo, ela não separa esses elementos, mas os une, dando importância para todos sem fazer nenhuma distinção.

3 A SENSÇÃO COMO MATÉRIA PRINCIPAL DA EXPERIÊNCIA

Desse modo, vale refletir sobre o que o campo sensorial tem a oferecer ao indivíduo, e em meio a essa reflexão, aquilo que se abstrai na experiência do mundo, não se dá de outro modo senão através da própria sensação¹². É nos sentidos que o ser humano pode entender de fato como os objetos existentes podem afetá-lo, ou seja, através do contato direto e indireto com alguma coisa ou algo, é que se obtém respostas sobre de que modo os objetos podem marcar e causar uma profunda experiência no sujeito. De um modo mais geral, não somente aquilo que é palpável e visível pode causar no sujeito a sensação de uma nova experiência, o som, um perfume, ou até mesmo o medo de enfrentar alguém, pode causar as mais diversas reações no indivíduo, e fazer com que ele reflita por si mesmo o grau de tal experiência, e que marcas elas podem ter deixado.

Sendo assim, o processo de apreender não é simplesmente enxergar determinado objeto e tirar conclusões a respeito do mesmo, mas sim estar diante de

¹² Sensação (lat. Medieval *sensatio*) 1. Impressão subjetiva e interior advinda dos sentidos e causada por algum objeto que os excita ou estimula (ex: sensação de frio). Impressão vaga ou imprecisa que temos acerca de algo (ex: sensação de medo).

2. Para o empirismo, a sensação é fundamental para o processo de conhecimento, pois fornece sua matéria bruta através dos sentidos. Kant usa esse conceito para designar as modificações na consciência subjetiva causada pela presença de algum objeto. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 177).

um conjunto de objetos inserido dentro de um mundo vasto e rico em diversidade. O que a percepção capta não são objetos separados, ela não consegue fazer esse filtro em si mesma, mas sim um objeto em meio a muitos outros e que têm muito a ensinar no campo da experiência. Para que se tenha a comprovação dessa afirmação a respeito da percepção, basta verificar o que o autor tem a dizer quando se refere a analisar bem qualquer que seja o fenômeno de interesse. Como afirma Merleau-Ponty (1999, p. 30):

Se nós retornarmos aos fenômenos, eles nos mostram a apreensão de uma qualidade, exatamente como a de uma grandeza, ligada a todo um contexto perceptivo, e os estímulos não nos dão mais o meio indireto que buscávamos de delimitar uma camada de impressões imediatas.

Desse modo, aquilo que se apreende através da sensação pode deixar sua marca de maneira bem profunda no indivíduo, de forma que o mesmo, à medida em que recebe um estímulo já visto anteriormente, acaba por reconhecê-lo com certa facilidade, ou seja, o costume já não irá causar o mesmo impacto que causaria se o corpo estivesse passando pela primeira vez por esse processo, e o que Merleau-Ponty chama de sensação específica. Nesse caso, o autor apresenta que para se ter o resgate dessa mesma sensação específica é preciso que o estímulo já conhecido seja potencializado. “Se aplicamos ao aparelho lesado um excitante suficientemente extenso, as sensações específicas reaparecem; a elevação dos patamares é compensada por uma exploração mais energética da mão.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 30). Assim, o indivíduo que se reconhece como sendo parte essencial do mundo, reconhece também que aquilo que ele possui de mais sensível é a matéria necessária para aprender e fazer experiências com os elementos que compõem o mundo, formando então gradualmente a pessoa que ele se propõe a ser e que está em constante mudança.

3.1 A realidade sensível e sua importância para o indivíduo

Dentro da realidade do sensível, em primeiro lugar é preciso que o indivíduo percebe que o seu corpo é muito mais do que parte de si mesmo, ele tem muito a dizer no que diz respeito ao mundo e aquilo que ele representa. E Merleau-Ponty já destacava a importância de o indivíduo perceber o próprio corpo, vivendo

intensamente com ele, e experimentando as mais variadas sensações. Dada a importância do corpo, percebe-se que ele não pode mesmo ser somente um objeto, nem ao menos uma ideia qualquer, pois o corpo representa mais do que isso, com o seu movimento, a linguagem própria que só ele pode expressar, o corpo faz parte da história e está inserido nela.

Portanto, tendo essa preocupação em perceber o sensível, o indivíduo acaba por se deixar levar a uma reflexão bem mais aprofundada na sua maneira de enxergar o mundo, com muito mais possibilidades de aprender e se deixar formar, o que o leva também a ter mais confiança nas relações com os seus semelhantes e consigo mesmo. Como diz o próprio autor destacando a experiência sensível no mundo. “A experiência sensível é um processo vital, assim como a procriação, a respiração ou o crescimento.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 31).

De todo modo o filósofo francês, é bastante incisivo ao estar sempre valorizando a experiência de mundo que cada indivíduo faz através dessa mesma realidade sensível. Realidade essa que de maneira alguma separa o homem do mundo, como dois elementos distintos e sem nenhuma ligação entre si, mas pela contrário, a realidade sensível é capaz de agregar esses dois elementos, afirmando que o indivíduo faz parte do mundo, e tem a sua própria maneira de percebê-lo.

Mas o fato de que cada indivíduo tenha a sua própria maneira de ver o mundo não significa que ele esteja fechado em um mundo só dele. Merleau-Ponty defende que o mundo não é algo pessoal, em que cada pessoa vive de maneira própria e que pertença somente a ele, mas sim que a percepção mostra a cada um o mesmo mundo, porém de formas e ângulos diferentes para cada um, a diferença é que cada indivíduo expressa esse olhar à sua maneira, ou seja, é uma originalidade que só a consciência de cada um pode demonstrar e trazer. O homem é capaz de refletir através desse olhar o mundo, de pensar além e fazer de sua consciência a chave para tudo aquilo que o possibilita aprender e que está próximo dele mesmo.

3.2 A reflexão fenomenológica em valorização dos sentidos

Dentro do universo que só a consciência pode proporcionar ao indivíduo, está aquilo que ele mesmo é capaz de julgar a partir do momento em que pensa mais

profundamente sobre seus atos, a isto pode-se chamar também de reflexão¹³, dentre os muitos outros significados que esta palavra venha a ter. Reflexão aqui no sentido de fazer o indivíduo retornar a si, cada vez que ele pensa em algo pelo qual ele já passou ou viveu, como Merleau-Ponty mesmo indica, é a experiência de algo que permite tal atitude do intelecto. “Somos convidados a retornar às próprias experiências que elas designam para defini-las novamente.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 32).

Nesse campo do conhecimento reflexivo, a consciência serve como base e ferramenta de destaque ao indivíduo que retorna a uma experiência já vivida, de modo que através dos seus sentidos, o mesmo pode se permitir ir além de um simples conhecer algo, uma vez que a sensação permite que o sujeito esteja em total alinhamento com sua a sua mente. Analisando por esse sentido, pode-se considerar que a sensação está completamente ligada ao sujeito e ao seu corpo, ou considerando de maneira mais objetiva, a sensação pode ser até mesmo uma manifestação desse corpo, de forma que é o próprio indivíduo através de sua percepção, quem pode avaliar e exprimir os resultados de sua experiência.

De maneira clara e objetiva, o processo de conhecimento do indivíduo, vai sempre exigir uma reflexão aprofundada a partir do momento em que o mesmo experimenta uma nova sensação, pois a cada momento em que ele se vê diante de algo novo, sua mente lhe exige automaticamente que ele reflita sobre qualquer coisa que lhe seja estranho àquilo que já viveu, fazendo assim diversos juízos sobre tal situação, mas sem perder de vista que o principal é que a sua reflexão possa fazer sentido.

Dessa forma, a sensação tem grande valor dentro do campo de pensamento do filósofo, uma vez que ela é chave para cada nova experiência, e há uma grande valorização da mesma em sua obra sobre a percepção afirma Merleau-Ponty (1999, p. 35):

¹³ Reflexão (lat. Tardio reflexivo) 1. Em um sentido amplo, tomada de consciência, exame, análise dos fundamentos ou das razões de algo.

2. Ação de introspecção pela qual o pensamento volta-se sobre si mesmo, investiga a si mesmo, examinando a natureza de sua própria atividade e estabelecendo os princípios que a fundamentam. Caracteriza assim a consciência crítica, isto é, a consciência na medida em que examina sua própria constituição, seus próprios pressupostos. “A consciência reflexiva torna a consciência refletida como seu objeto” (Sartre). O argumento cartesiano do cogito é o exemplo clássico da reflexão filosófica. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 168).

Mas a sensação, uma vez introduzida como elemento do conhecimento, não nos deixa a escolha da resposta. Um ser que poderia sentir no sentido de coincidir absolutamente com uma impressão ou com uma qualidade não poderia ter outro modo de conhecimento.

A sensação é repleta de possibilidades, uma vez que o sujeito se permita mergulhar nesse processo do conhecimento, para onde ele é levado através da sua própria percepção, tudo isso dentro do que é possível ao indivíduo alcançar, e desse modo o processo do conhecimento o levará a uma reflexão e compreensão em uma tentativa da sua mente em entender o que foi trazido através da experiência de vida. Assim, em razão de sua importância, o elemento sensível não pode ser considerado apenas algo que pertença ao objeto, como se fosse uma qualidade, ou simplesmente algo que ficou marcado, mas sim deve ser considerado como algo repleto de sentido, que tenha valor e até mesmo um vasto significado. Justamente por essa razão, é que o sensível se utiliza das coisas do mundo numa profunda experiência não somente por conta da aparência, mas da necessidade mesmo de experimentar e sentir aquilo que é novo e que conseqüentemente também atrai.

Todos esses elementos não têm base em outra coisa senão na própria percepção humana, e se fundamentam nela mesma, uma vez que é ela que permite ao homem conhecer o mundo através do olhar, de um perceber que não se limita apenas em admirar o físico da coisa, mas que faz pensar e torna o homem protagonista de sua vida como muito lembra Merleau-Ponty (2006, p. 21):

[...] a percepção testemunha uma presença da coisa, **claramente exposta diante de nós sem equívoco nem mistério**, se ela tem a transparência cristalina de um olhar que o Para-si põe sobre o Em-si, ela não se distingue absolutamente de nenhum outro tipo de conhecimento [...]

Por esta mesma razão, é que a lógica da fenomenologia da percepção que o filósofo francês defende, quer construir uma visão não baseada na construção de mundo que a maioria da sociedade pretende impor de maneira quase que obrigatória, mas sim, partindo das experiências de cada indivíduo de maneira profunda, e de certo modo subjetiva, em defesa dos sentidos e não focado no que a maioria deseja. Dessa forma, é que o sensível com base nas ideias do autor, pode assumir lugar de destaque no pensamento, uma vez que o homem só consegue produzir, seja no âmbito social ou individual, se estiver totalmente voltado a uma reflexão sobretudo para que ele

possa ser relevante, desse modo é inevitável o ato de pensar e o indivíduo o faz constantemente.

3.3 O sensível como parte estrutural fundamental do indivíduo

Considerando a importância do pensamento e reflexão do indivíduo dentro do processo que a sua percepção lhe proporciona, fica mais claro entender o fundamental papel que o sensível carrega nesse mesmo processo do indivíduo em conhecer e se formar através das experiências adquiridas.

Sendo assim, o sensível não é parte externa da consciência e nem está fora dela, de outro modo também não pode ser visto como algo concreto dentro do âmbito que pode ser considerado como coisa material, mas é uma realidade que constitui o homem e ajuda a construir o conhecimento, e este por sua vez é manifestado através do corpo do próprio indivíduo, através da sua fala, do seus movimentos e conseqüentemente na sua forma de agir e se portar diante do meio social, funcionando como uma respostas aos estímulos que o sujeito recebe ao longo da vida.

De certo, não é fácil analisar os fenômenos que o mundo proporciona ao ser humano, mas é fundamental entender como eles funcionam através do perceber, uma vez que este ainda é um campo recente do conhecimento, como diz o próprio filósofo francês na obra que inspirou o presente trabalho. Sendo a afirmação coerente Merleau-Ponty (1999, p. 49) “[...] se o campo fenomenal é um mundo novo, ele nunca é absolutamente ignorado pelo pensamento natural, ele lhe está presente no horizonte, e a própria doutrina empirista é uma tentativa de análise da consciência.”

O campo do sensível forma tudo aquilo que constitui a percepção e a resposta do indivíduo a esse mesmo processo. Ele representa aquilo que é próprio do indivíduo e da sua existência, tudo o que compõe o homem, suas características, no que diz respeito às suas incertezas, o que ele possui de mais imprevisível, sua coragem em se abrir a novos conhecimentos, unindo suas memórias e pensamentos com a sua maneira de viver, de se relacionar em sociedade, e dessa forma pode criar a possibilidade de formar novas ideias, já que possui um grande horizonte à sua frente.

O fenômeno que apresenta ao mundo, o sensível é completamente marcado por aquilo que se percebe em um simples observar, e posteriormente a mente exige uma resposta, ou seja, precisa dar um significado àquilo que foi visto.

Dessa forma, no que diz respeito à observação de um determinado fenômeno, e dentro desse mesmo processo, não pode haver separação entre a percepção e o objeto percebido, uma vez que é através deste encontro que se pode expressar um significado, e o próprio indivíduo encontra aqui a segurança que necessita para expressar aquilo que sente através de suas próprias reações.

4 O PODER DE SIGNIFICAÇÃO DO CORPO NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY

Após apresentar a importância que ocorre no processo perceptivo e demonstrar o papel dos sentidos nesse mesmo processo, o presente trabalho buscará agora de maneira clara destacar como a filosofia de Merleau-Ponty valoriza que o processo de percepção não se limita apenas à mente do indivíduo, como iria dizer Husserl, mas o corpo do sujeito também representa uma intencionalidade¹⁴, o corpo também é consciente, e pode apresentar uma série de sinais dadas através dos cinco sentidos, que, por sua vez, se articulam com a mente para dar significado ao mundo.

4.1 O corpo como intencionalidade

Em grande parte da história da filosofia, o corpo era observado apenas como um mero utensílio, muitas vezes dominado pela mente e a razão, em outro sentido era tido como fonte de erro e ignorância como se observava nas ideias de Platão, ou seja, era sempre menosprezado e equiparado aos vícios. Já em Merleau-Ponty, o corpo ganha um outro estatuto, e assim a sua ideia é demonstrar que o corpo é fonte

¹⁴ **Intencionalidade** Conceito central da fenomenologia, derivado de Brentano que, por sua vez, teria se inspirado na escolástica. A intencionalidade é a característica definidora da consciência, na medida em que está necessariamente voltada para um objeto: "Toda consciência é consciência de algo". A consciência só é consciência a partir de sua relação com o objeto, isto é, com um mundo já constituído, que a precede. Por outro lado, esse mundo só adquire sentido enquanto objeto da consciência, visado por ela. A inter-relação entre a consciência e a real definida pela intencionalidade representa a tentativa da fenomenologia superar a oposição entre idealismo e realismo. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 143).

de conhecimento, o corpo possui uma intencionalidade como se ele próprio pensasse e se articulasse com a mente. “Se ainda se pode falar, na percepção do corpo próprio, de uma interpretação, seria preciso dizer que ele se interpreta a si mesmo.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 208).

Dessa forma, Merleau-Ponty se dedicou a mostrar que os sentidos humanos também eram responsáveis pelo conhecimento. Para ele existe um intercâmbio entre mente e corpo, uma conexão que ele vai denominar de carne.

É por isso que dizemos que na percepção a coisa nos é dada ‘em pessoa’ ou ‘em carne e osso’. Antes de outrem, a coisa realiza este milagre da expressão: um interior que se revela no exterior, uma significação que irrompe no mundo e aí se põe a existir, e que só se pode compreender plenamente procurando-a em seu lugar com o olhar. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 428).

Todavia é necessário compreender que a carne na ideia do próprio filósofo, não se reduz somente ao corpo, a carne representa um esquema corporal em que todos os sentidos trocam suas percepções do mundo, seus sinais sensoriais entre si, de modo que se pode afirmar perfeitamente que o olho investiga esse mesmo mundo, da mesma forma que o tato é capaz de enxergar a realidade, assim como o olfato permite perceber quem está chegando ou quem se vai.

Assim Merleau-Ponty tenta de fato modificar radicalmente a ideia que se tinha do corpo até então na história da filosofia, ele se propõe ir além, mostrando que o corpo é fenomenológico. Assim como Husserl dizia que a “consciência é sempre consciência de algo”, em Merleau-Ponty adiciona-se o corpo como sendo consciência de algo também, ele é senciente, e como será mostrado no seguinte tópico ele é a consciência dos sentidos.

4.2 O corpo como consciência dos sentidos

O corpo através de suas percepções é capaz de dar significado ao mundo, captura o mundo e, portanto, é impossível fazer a separação do corpo e da alma. O corpo possui inteligência, e fazendo uma comparação do que se observa na dança e no teatro ou nas obras artísticas, o corpo está ali como uma forma de expressão de Merleau-Ponty (1999, p. 286) “o sensível não apenas tem uma significação motora e vital, mas é uma certa maneira de ser no mundo que se propõe a nós de um ponto do

espaço, que nosso corpo retoma e assume se for capaz, e a sensação é literalmente uma comunhão”.

Outro ponto que se pode destacar em relação ao corpo é a sua valorização na sociedade contemporânea. O que dizer da linguagem de sinais, utilizada como uma maneira de integrar as minorias desfavorecidas e juntá-las às demais e que se utiliza do corpo como forma de expressão, e assim fornecendo significando às outras pessoas, ou seja, contribuindo assim na relação com o outro e o mundo. Assim levando a questão também para um sentido regional, a maneira como um paulistano articula sua linguagem corporal, no caso a linguagem de sinais, não será idêntica a forma que o carioca o faz e assim por diante.

Isso significa então que o corpo é expressivo, ele é intencional e consequentemente é fenomenológico, porque ele fornece significados ao mundo, é inteligente, e é isso que Merleau-Ponty começa a mostrar. O filósofo traz a ideia de que não é só a mente que faz com que o indivíduo enxergue corretamente, mas o corpo também, portanto não é ela que organiza a maneira como se enxerga, ou pelo menos, não ela somente, mas é a mente e o corpo.

Sendo assim, existe uma inter-relação no sistema corporal capaz de relacionar a mente com o corpo, então o homem não é apenas uma substância pensante, ou o *cogito*¹⁵ como dizia Descartes, mas esse *cogito* como dirá Merleau-Ponty, está presente no corpo, é parte integrante dele. Nesse sentido o ser não está sozinho, pois existe um ser dotado de carne, e isso faz com que a presença do indivíduo no mundo possa ser entendida por uma articulação profunda entre corpo e

¹⁵ cogito (do lat. cogitare: cogitar, pensar; cogito: penso) 1. Para Descartes. o cogito ergo sum ("penso logo existo") é o primeiro princípio da filosofia, inaugurando uma revolução que consiste em partir da presença do pensamento e não da presença do mundo. E na segunda Meditação metafísica que ele afirma essa verdade "cogito, sum" (penso, existo): a primeira verdade, o modelo de toda verdade e o lugar da autenticidade consistem nessa percepção que o sujeito presente tem de sua própria existência, nessa luz de si a si: "Esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a pronuncio ou que a concebo em meu espírito." 2. Para Husserl, esse ato do pensamento do sujeito, que é o código, não pode estar separado do objeto pensado (cogitatum), já que "todo cogito ou ainda todo estado de consciência visa algo, traz em si mesmo seu cogitatum respectivo". Essa "visada" é chamada intencionalmente. Diversamente de Descartes, que passa do cogito à substância pensante, "da qual toda a essência é a de pensar". Husserl declara que o sujeito, pela suspensão do juízo (epoché), apreende-se a si mesmo como Eu puro ou transcendental, proporcionando-se, assim, "a vida de consciência pura", vida na qual e pela qual o mundo objetivo existe para mim. 3. A filosofia do cogito ou do sujeito pensante, inaugurada por Descartes e instaurada por Kant, na medida em que o sujeito transcendental é o constitutivo do conhecimento, passa a ser questionada. sobretudo a partir de Freud, para quem o sujeito consciente não é mais soberano nem mesmo em sua própria casa. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p.46).

alma, ou seja, entre os sentidos e a mente, de maneira que o corpo seja extensão da mente e a mente seja a extensão do corpo.

Assim, é impossível querer separar o corpo da alma, porque ele será sempre intencional, está sempre sentindo algo. Dessa forma Merleau-Ponty dá um novo status à corporeidade, ele não pode ser considerado uma máquina dependente da mente, nem é fonte de erro ou ignorância, mas sim faz parte da humanidade.

4.3 A relação sensível com o mundo e o retorno à origem

Na atual etapa do presente trabalho já ficou claro que a percepção é o primeiro contato do indivíduo com as coisas do mundo, seja do ponto de vista cultural, psicológico, da relação com as coisas e também com os outros, e nisso existe uma relação sensível com essas mesmas coisas e com o mundo que passa muito mais pela sensibilidade antes mesmo de se transformar em um pensamento mais elaborado ou algo relacionado ao conhecimento teórico.

O indivíduo, por uma série de razões que se estendem por toda a história da filosofia está sempre tentando fugir desse contato primário e tenta sempre refazê-lo de maneira intelectual. Mas é impossível não querer admitir que a primeira relação e experiência que a pessoa possui com o mundo acontece mesmo de maneira sensível. O mundo pode ser sentido e vivenciado de forma direta através da estrutura do corpo, do biológico ligado ao psíquico, e assim se a vontade do indivíduo é retornar à origem do seu conhecimento, a origem do seu existir, é preciso que ele então retorne ao estágio da percepção, conforme Merleau-Ponty (1999, p. 113):

Isso significa que a 'qualidade do sensível', as determinações espaciais do percebido e até mesmo a presença ou a ausência de uma percepção não são efeitos da situação de fato fora do organismo, mas representam a maneira pela qual ele vai ao encontro dos estímulos e pela qual se refere a eles.

Assim, a volta às origens deve ser feita através dessa recuperação da percepção, vista como algo que realmente revela ao sujeito o mundo pela primeira vez, e este é um conhecimento que deveria gozar de uma certa prioridade ou até mesmo de uma superioridade em comparação ao conhecimento elaborado, pois aquilo que é dado ao indivíduo de maneira direta, pode trazer uma verdade muito mais

efetiva e autêntica, justamente por ser mais originária do que aquilo que é elaborado, representado ou construído através do pensamento.

Por isso a percepção não pode ser considerada uma construção, mas sim um modo de sentir o mundo, e dessa forma ela se consolida como sendo um elemento primário e original, na relação com as coisas, com as outras pessoas, e também de cada indivíduo consigo mesmo.

4.4 O sujeito no mundo como fonte da percepção

Até aqui, já ficou clara a maneira como Maurice Merleau-Ponty valoriza a fenomenologia de modo a dar a devida importância ao sujeito e colocá-lo como o centro de todo o conhecimento, trazendo a ideia de que o corpo é uma construção do ser humano, e é por meio do corpo que o indivíduo toma consciência do seu modo de ser e estar no mundo. Conforme Balbino (2014, p. 83), “Em Merleau-Ponty, o sujeito no mundo é corpo no mundo, então o sujeito da percepção é o corpo, porque é ele que percebe, é ele que sente, é uma unidade perceptiva viva.”

Então a sua fenomenologia traz o corpo para o âmbito do concreto, do real, se diferenciando do estruturalismo francês, que por sua vez olhava com distanciamento a relação entre sujeito e objeto, como se quem observasse o objeto fosse considerado um observador absoluto.

Portanto Merleau-Ponty traz a ideia de uma fenomenologia da percepção que penetra o objeto, que se comunica com o mesmo, e o objeto por sua vez não existe por si só, mas sim nessa relação que depende da forma como ele mesmo se dará, como será visto e apreendido pelo indivíduo. Sendo assim, a visão fenomenológica sobre o corpo vai tratá-lo como um local pleno de subjetividade, e essa condição corpórea se dá nas ações individuais, bem como também nas coletivas, segundo Merleau-Ponty (1999, p. 436), “O que é dado não é somente a coisa, mas a experiência da coisa, uma transcendência em um rastro de subjetividade¹⁶, uma natureza que transparece através de uma história.”

¹⁶ Subjetividade Característica do sujeito; aquilo que é pessoal, individual, que pertence ao sujeito e apenas a ele, sendo, portanto, em última análise, inacessível a outrem e incomunicável. Interioridade. Vida interior. A filosofia chama de "subjetivas" as qualidades segundas (o quente, o frio, as cores), pois não constituem propriedades dos objetos, mas "afetações" dos sujeitos que as percebem. Nenhum

Isso significa dizer que a corporeidade, construída dentro da fenomenologia de Merleau-Ponty, considera o corpo como um local de apreensão sensível dos significados. É só a partir da matéria que se consegue apreender esses mesmos significados, e ela não pode ser meramente reduzida somente a uma relação entre natureza e cultura, pois o corpo de fato é parte desta cultura, é o local da experiência, assim como o outro também é um local de experiência com o mundo, e isso pode ser considerado uma relação de intencionalidade que se exprime, e a partir dessa expressão, ela produz uma significação.

Dessa maneira então, é correto afirmar que sem o corpo não pode haver relação do sujeito com o mundo. O corpo é essencial nessa relação, e a intenção do filósofo francês é justamente a de juntar sujeito e mundo, adicionando o corpo como a centralidade desta relação.

Então, por mais que os indivíduos tenham elementos biológicos que os tornem muito parecidos uns com os outros, Merleau-Ponty enxerga um movimento que visa a direção da vinculação social do sujeito. O indivíduo necessita do corpo para se expressar, e a partir disso ele traz à tona os significados.

4.5 A relação e interação do indivíduo com o outro e sua base na percepção

Sobre a relação que existe entre o indivíduo e o fenômeno de interesse, o presente trabalho já considerou os principais pontos que dizem respeito a esse processo do conhecimento, que é capaz de colocar o homem como sujeito principal de sua vida, sendo capaz de formar seu caráter através de seus juízos e opiniões. E nesse sentido é preciso destacar que o entendimento sobre a percepção não se esgota apenas em tudo o que foi dito em comparação à análise dos fenômenos e a sensação que os mesmos causam em cada pessoa.

A percepção pode ainda apresentar aquilo que existe de mais particular em cada indivíduo, pois um objeto percebido de tal forma para alguns pode gerar o

objeto é quente ou frio, mas cada um possui apenas uma certa temperatura. Toda impressão é subjetiva. Por isso. Kant chama de subjetivos o espaço e o tempo, porque não são propriedades dos objetos. não nos são dados pela experiência, mas pertencem ao sujeito cognoscente: são "formas a priori da sensibilidade". Assim, a subjetividade caracteriza a teoria do conhecimento de Kant. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 254).

sentimento de medo, quanto que para outros, ao contrário pode causar um prazer, uma satisfação.

É praticamente unânime afirmar sobre as inúmeras contribuições que a fenomenologia vista pelo pensamento de Merleau-Ponty e com relação ao tema da percepção trouxe para a filosofia de um modo geral.

É na percepção que o homem toma conhecimento de si mesmo e de seus semelhantes, ele é peça fundamental do mundo e contribui para a sua formação à medida em que conhece os objetos que a ele pertencem. Afirma Merleau-Ponty (1999, p. 103) “Nossa percepção chega a objetos, e o objeto, uma vez constituído, aparece como a razão de todas as experiências que dele tivemos ou que dele poderíamos ter.”

O processo perceptivo se constitui como um elemento fundamental também nos relacionamentos que o indivíduo faz ao longo da vida, pois ele alimenta a interpretação dos sinais internos e externos, ele pode gerar reflexões e juízos, gerando no ser humano a necessidade de reavaliar suas próprias crenças, como uma maneira de manter garantida a sua própria sobrevivência, além de preservar a sua identidade humana à medida em que avança no processo formativo.

É amparado por esse mesmo processo que o indivíduo possui a capacidade de enxergar o outro, certamente não por livre escolha, uma vez que perceber o outro é consequência de estar no mundo. As diversas ideias e opiniões que o outro pode causar à mente de quem o percebe são inúmeras. O outro pode ser uma extensão de si mesmo, e olhar para alguém semelhante é como estar diante de um espelho, e isso abre para o indivíduo a possibilidade de mergulhar em relacionamentos interpessoais, em conhecer e saber o que a outra pessoa têm a oferecer, de que maneira ela contribui para a formação pessoal e na linha do conhecimento.

O outro é qualquer indivíduo que esteja logo adiante, é aquele em que no exato momento em que é visto, chama a atenção e ocupa a mente de quem o percebe. O grande problema da relação entre o próprio indivíduo e o Outro, pode estar contido em não querer dar a devida importância que aquele semelhante mereceria obter. A não percepção do outro, em relação ao valor que ele possui por si mesmo, acarreta grandes impasses nas relações de modo geral, é como querer tornar o outro apenas mais um objeto entre muitos que já existem no mundo. E o grande dilema da humanidade também está contido aí, quando há uma ruptura no trato e na relação

com o outro, há também uma quebra na dinâmica do processo de formação do homem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia de Maurice Merleau-Ponty trouxe grandes contribuições quando se trata de entender mais profundamente o mundo como ele é conhecido hoje. Em sua fenomenologia da percepção, o filósofo francês faz um retorno à própria fenomenologia para tratar a maneira como se constitui a percepção, bem como falar sobre sua contribuição para o campo da filosofia de modo geral e que posteriormente seria também base para a psicanálise.

Merleau-Ponty também é bastante pertinente em querer fazer com que o indivíduo reflita de que maneira o mundo pode fazer sentido para ele, ou como ele percebe o mundo em que vive. Portanto o filósofo em destaque trabalha justamente a questão da percepção, ou seja, a forma como o ser humano enxerga o mundo, e sua ideia também faz uma crítica à máxima cartesiana do “penso logo existo”, já que para ele não se pode duvidar do mundo em que se vive, pois os indivíduos estão presentes no mundo e são parte dele.

O trabalho deste filósofo se concentra em querer tratar a relação do sujeito-objeto, onde o homem é sujeito e objeto ao mesmo tempo, ou seja, a percepção do indivíduo vai sendo construída nessa mesma relação, é quando o homem se direciona para esse determinado objeto por intermédio de sua percepção.

O diferencial e de maior relevância na filosofia de Merleau-Ponty não poderia ser outro senão a ideia que ele traz sobre o corpo e existência. Sobre isto, o filósofo é pertinente em falar que a consciência e a percepção surgem das relações de situação de um indivíduo que vive no mundo com seu corpo e que se depara com outro indivíduo, e a partir desse ponto começa uma relação em que se produz de fato uma linguagem.

Dessa forma, o corpo não é semelhante a qualquer outro objeto do ambiente, pois ele é um local privilegiado onde a subjetividade pode ser envolvida de uma situação física e histórica, onde a consciência interfere a todo momento neste mesmo campo perceptivo.

Sendo assim, a linguagem no pensamento de Merleau-Ponty se origina do corpo e se fundamenta no próprio gesto, que por sua vez já possui os sentidos que são capazes de ser assimilados por outros indivíduos. Para o filósofo, a maneira como se apreende o significado de uma palavra ocorre da mesma forma que se apreende o significado de um gesto.

A questão do outro no pensamento Merleau-Pontiano diz respeito necessariamente à ideia de que nunca se está sozinho. Até mesmo quando o sujeito fala que está só é levar em consideração o outro. Em sua ideia não existe solidão sem que tenha havido antes, contato, relação social. A categoria solidão só existe porque existe também o convívio.

Então a comunicação se manifesta na relação entre o indivíduo e o mundo primeiramente como um gesto, que é considerada uma primeira linguagem e só depois como palavra.

Dessa maneira, o indivíduo só possui a percepção de mundo da maneira como o filósofo pontua em sua filosofia da percepção porque o momento histórico em que se vive atualmente lhe permite isso. Por isso ele fala que o homem só encontra sua verdadeira liberdade no próprio curso de sua vida, e ele está o tempo todo criando uma concepção própria de liberdade, podendo ser definida como uma retomada criadora de si mesmo.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Merleau-Ponty: Os pensadores**. 2. ed. Tradução de Marilena de Souza Chauí, Nelson Alfredo Aguilar e Pedro de Souza Moraes. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica**: Introdução geral à fenomenologia pura. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LIMA, Antonio Balbino Marçal. **Ensaio sobre Fenomenologia**. Ilhéus: Editus, 2014.

MATTHEWS, Eric. **Compreender Merleau-Ponty**. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Estrutura do Comportamento**: Precedido de Uma filosofia da ambiguidade de Alphonse de Waelhens. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006.